

NO COMEÇO, A LEITURA

Regina Zilberman*

Um dos primeiros livros didáticos a circular no Brasil deve ter sido o *Tesouro dos meninos*, obra traduzida do francês por Mateus José da Rocha (Silva, 1808-1821)¹. Na mesma linha, a Imprensa Régia publicou *Leitura para meninos*, "coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras e um diálogo sobre a geografia, cronologia, história de Portugal e história natural"(Cabral, 1881). A primeira edição data de **1818**, sendo organizador do livro José Saturnino da Costa Pereira.

Alfredo do Vale Cabral registra reedições de *Leitura para meninos* em **1821**², **1822** e **1824**, fato raro, pois a Imprensa Régia dificilmente reimprimia obras de seu catálogo. A novidade talvez se deva à circunstância de que *Leitura para meninos* encontrou seu público entre as crianças que aprendiam a ler, assimilavam

* Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)
¹Em 1836, o livro foi reeditado pela Tipografia Pillet Ainé. Composto originalmente por Pedro Blanchard, chamou-se nesse ano *Tesouro dos meninos: obra clássica dividida em três partes: moral, virtude, civilidade*, "vertida em português e oferecida à mocidade estudiosa, por Mateus José da Rocha" (Ramos, 1972). ²A edição de 1821 apresenta ligeira diferença no título: denomina-se *Leituras para os meninos*, "contendo um silabário completo, uma coleção de agradáveis historietas próprias à primeira idade e um diálogo sobre a geografia, cronologia, história de Portugal e história natural ao alcance dos neninos".

padrões morais e estudavam os conteúdos de disciplinas curriculares, como geografia, cronologia, história de Portugal e história natural.

A imposição paulatina desse novo público pode ser percebida em outros pontos. A *Notícia do catálogo de livros*, de **1811**, anuncia o estoque de Manuel Antônio da Silva, que vendia livros destinados ao ensino de Retórica e Gramática: *Alfabeto para instrução da mocidade; Arte poética* de Horácio, por Cândido Lusitano; *Coleção de cartas para meninos; Compêndio de retórica; Elementos de sintaxe; Gramática latina; Gramática portuguesa; Instrução da retórica; Instrução literária; Retórica* de Gilbert e *Retórica* de Quintiliano (Silva, MA.,1811). O catálogo de obras que se vendem na loja de Paulo Martim oferece *Leituras juvenis e morais*, voltado provavelmente à formação dos jovens(Catálogo, 1822).

Ofertas como essas aparentemente não bastavam, ainda que, por essa época e mesmo depois da independência, a escolarização das crianças não fosse obrigatória, nem o ensino disseminado entre a população. Mesmo assim, o mercado parecia insatisfatoriamente provido, razão por que, durante o século XIX, proliferaram queixas, denunciando o estado deficitário da educação da infância e a ausência de livros didáticos apropriados. Gonçalves Dias, por exemplo, após sua visita às províncias do Nordeste, revela ao Imperador, em 1862, que:

Um dos defeitos é a falta de compêndios: no interior porque os não há, nas capitais porque não há escolha, ou foi mal feita; porque a escola não é suprida, e os pais relutam em dar os livros exigidos, ou repugnam aos mestres os admitidos pelas autoridades (Moacyr, 1939).

A obrigatoriedade da educação fica estabelecida depois de 1870, com a reforma do ensino proposta pelo Imperador. A República confirma a medida, e a nova situação provoca uma explosão no mercado, com reflexos da produção. As obras didáticas passam a ocupar considerável fatia do comércio de livros, podendo-se registrar sumariamente, como evidências da mudança, os principais títulos publicados entre 1890 e 1910: *Liuro de leitura* (1892), de Felisberto de Carvalho; *Aprendei a língua vernácula* (1893), de Júlio Silva; *Exercício de estilo e redação, Gramática* (1894), de Felisberto de Carvalho; *Antologia nacional*, de Carlos de Laet e Fausto Barreto; *Livro de leitura* (1895), *Seleta de autores modernos, Exercícios de língua portuguesa* (1896), de Felisberto de Carvalho; *Livro de exercício*, de João Ribeiro; *Primeiras leituras*, de Arnaldo Barreto; *Leituras infantis* (1 a 3), de Francisco Viana; *Leituras morais e instrutivas* (1908), de João Kopke; *Livro de leitura* (1909), de Arnaldo Barreto e Ramon Puiggari; *Através do Brasil*, de Olavo Bilac e Manuel Bonfim; *Livro de leitura* (1910), de Arnaldo Barreto e Ramon Puiggari; *Livro de composição*, de Olavo Bilac e Manuel Bonfim; *Livro de leitura* (1911), de Ramon Puiggari e Arnaldo Barreto.

Os "livros de leitura" são majoritários, acompanhados pelas "seletas" ou "antologias", que coletam o melhor da literatura em língua portuguesa, aqueles destinados às séries iniciais, essas, aos últimos anos da escola. Entre os dois pontos, transcorre a vida escolar do estudante brasileiro nos primeiros anos da República. Pode-se, pois, rastrear as concepções vigentes de leitura e ensino de literatura, examinando as idéias contidas nesse material didático, bem como na reação registrada pelos leitores, alunos que aprenderam a ler com eles e expressaram os efeitos do processo pedagógico.

Abílio César Borges foi o mais célebre autor de livros didáticos do período imperial. Graças a *O Ateneu*, escrito por Raul Pompéia, em 1888, mesclam-se as duas figuras, a do pedagogo e a do próprio Imperador, sintetizadas na personagem Aristarco Argolo de Ramos, o diretor da escola onde estuda Sérgio, o protagonista da obra. Seus livros começaram a ser produzidos na década de 60, quando ainda lecionava na Bahia, mas sua influência estendeu-se até o final do século, ultrapassando o ano em que Pompéia lançou seu romance: em 1890, a nova edição do *Terceiro livro de leitura* aparece com adaptações à nova situação política do País³.

Na Introdução à primeira edição do *Terceiro livro de leitura*, Abílio expõe sua concepção de leitura:

Em minha opinião, nos primeiros tempos da escola, não devem os meninos aprender senão a leitura, que lhes é já não pequena dificuldade, para ser ainda acrescentada com outra igual ou maior, qual a da escrita, que só deverão começar a aprender depois que souberem ler e jamais antes dos seis, ou mesmo dos sete anos de idade.

³ Escreve Abílio no prólogo da edição de 1890: "Tendo-se esgotada a sexagésima quarta edição deste livro, justamente quando foi proclamada a República dos Estados Unidos do Brasil, tratei logo de reformá-lo para a presente edição, pondo-o em harmonia com a nova organização social e tornando-o ao mesmo tempo mais interessante e mais apropriado ao ensino da geração que desponta e, portanto, mais útil". As demais citações provêm dessa edição; os grifos são do autor.

Colocada no começo da aprendizagem escolar, a leitura é matéria da primeira lição do livro dirigido aos "caros meninos" e dedicado às "regras para se ler bem":

Agora que com algum embaraço podeis já ler palavras, proposições e até páginas inteiras, pelo que fostes julgados dignos de passar a este livro, necessário é saberdes quais os preceitos da boa leitura, a fim de, praticando-os, merecerdes a qualificação de bons leitores.

A "boa leitura" e "ler bem" consistem em ler em voz alta:

A boa leitura, meus amiguinhos, não consiste em ser feita de carreira, sem atender o leitor ao sentido daquilo que vai lendo, unindo, muitas vezes, palavras que devem ser lidas separadamente e separando outras, que convém ditas juntamente.

Para fazer boa leitura, deve o leitor ler com moderação, mudando o tom da voz e dando as pausas convenientes, segundo requerem o objeto da leitura e os diferentes sinais da pontuação...

A exposição prossegue, enfatizando a natureza oral da leitura e atribuindo aos modos de dizer o texto as diferenças entre os gêneros literários:

O tom da voz e a expressão de quem lê devem ser conformes com o assunto da leitura; de tal sorte que, ouvindo-se ler, ainda à distância de se não poderem distinguir as palavras, conheça-se pela só modulação da voz, se versa a leitura sobre assunto alegre ou triste, se exprime coragem ou receio, se

repreensão, louvor.

Também da leitura da prosa difere muito a da poesia; porquanto, além das regras que acabo de dar-vos, deve-se fazer no fim de cada verso uma pequena pausa; e, além disto, o tom da voz toma uma expressão característica, de sorte que conhece logo o ouvinte ser verso e não prosa o que se está lendo.

Finalmente, meus meninos, tanto na leitura da prosa quanto na do verso, é essencial que sejam as palavras pronunciadas com muita clareza, elevando-se, abaixando-se, apressando-se, moderando-se, adoçando-se em uma palavra, afinando-se a voz, conforme pedir o sentido do que se lê.

Mas o melhor meio para se aprender a ler bem é ouvir atentamente a leitura do mestre, ou de qualquer bom leitor, e repeti-la, procurando imitá-los.

A leitura em voz alta, com o fito de melhor dizer o texto, qualidade apreendida por imitação de "bons leitores", é também estimulada em *Vários estilos*, coletânea de Arnaldo de Oliveira Barreto (19--), que abre com a crônica de Maria Amália Vaz de Carvalho sobre *O Saber ler*:

É realmente espantoso que, havendo professores para todas as ciências e para todas as artes, (...) ninguém se lembrasse ainda de instituir um curso para os discípulos aprenderem a ler bem e a falar bem.

Para ler bem, para dar a cor, o relevo, a vida à obra do escritor; para ter na voz e na expressão a nota patética, o chiste, a vibração irônica, maliciosa, indignada; a doçura, a comoção, a tristeza, a alegria, o riso e as lágrimas—é preciso compreender, é preciso sentir, é preciso ser artista!

Isto não é somente um dom espontâneo; isto é o resultado de uma educação aprimorada e cuidadosa.

Nem todos a podem ter, talvez; mas muitos dos que podiam não a têm, e por isso não hesitamos em recomendá-la como um dos elementos importantes de uma boa educação.

A crônica da portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho inicia uma seleta que se destina a estudantes de séries avançadas, não mais aos meninos com quem dialogava Abílio César Borges. A leitura a que ela se refere significa, nesse momento, passagem para a literatura. Talvez por essa razão abra uma coletânea que exhibe "vários estilos" exemplificados, conforme a seleção de Arnaldo de Oliveira Barreto⁴, por "As três formigas", "A mata", "A árvore" e "O culto da forma", de Alberto de Oliveira; "Firmo, o vaqueiro", de Coelho Neto; "O sertanejo", de Euclides da Cunha; "O evangelho

⁴ Arnaldo Barreto lecionou na Escola Caetano de Campos, de São Paulo, sendo seu Raul Pompéia o escritor Jorge Americano, que lá estudou: "Ao fim do recreio seu Arnaldo (Arnaldo Barreto) vinha ao patamar da escada, com uma sineta na mão. Meninos corriam a ele, pedindo para deixá-los bater a sineta. Seu Arnaldo a entregava a um deles. Primeira badalada, parar onde estivesse. Segunda, tomar lugar na fila, junto à professora. Terceira, marchar para voltar às aulas". (Americano, 1957).

das selvas", de Fagundes Varela; "Y-Juca-Pirania", de Gonçalves Dias; "A justa", "Cecília e Peri" e *Sonhos d'ouro*, de José de Alencar; "A mosca azul", "A agulha e a linha" e *Brás Cubas*, de Machado de Assis; "Pelo Brasil", "O caçador de esmeraldas" e "Dom Quixote", de Olavo Bilac; "A natureza", de Raimundo Correia; "Ultima corrida de touros em Salvaterra", de Rebelo da Silva; "As procelárias", de Teófilo Dias; "Fugindo do cativo" e "O pequenino morto", de Vicente de Carvalho, entre outros.

A série de livros didáticos de João Kopke, produzida no início do século, exemplifica também esse pensamento, segundo o qual se começa pelo livro de leitura, encarregado de ajudar a memorizar a linguagem oral elevada, e desemboca-se no conhecimento da literatura, representada por textos modelares de escritores brasileiros. No *Primeiro livro de leituras morais e instrutivas*, escreve o professor:

Assim, também, de outro lado, o livro de leitura que, no plano de ensino do autor, é a base de ação — o tronco, em que se enxertam todos os outros exercícios destinados ao manejo correto, pronto e eficaz da língua —, o centro, enfim, de integração, em torno do qual, como de um núcleo, se vem dispor e relacionar todo o conjunto do idioma, o livro de leitura, que servindo, por assim dizer, de cenário aos elementos novos, que vão entrando em papel diante da inteligência para eles voltada, facilita a sua impressão e retenção, possibilitando, portanto, o seu uso, visto pôr em jogo a memória sugestiva, que cria pensadores e sublima sábios, e proscreever a memória arbitrária, dote de dicionário ou de catálogo, que gera papagaios e, à força de tensão cerebral, multiplica esta moderna forma de idiotismo, a que o vezo eufônico da nossa sensibilidade latina batizou de erudição —, o livro de leitura, enfim, que é parte de um todo,

fica, pelas modificações feitas, relacionado com o "Curso sistemático da língua materna", em que o autor atualmente trabalha com esperança de breve remate (Kopke, 1924).

No Prefácio ao "Quarto livro de leituras", João Kopke anuncia novos objetivos, considerando a mudança do nível de escolarização dos alunos:

O presente volume e os dois que, em breve, o hão de seguir, completando a série Rangel Pestana, incluem excertos, em prosa e verso, de autores brasileiros e portugueses.

Nos três volumes anteriores, o principal fito da compilação foi fornecer base para os exercícios orais de reprodução do lido e ampliação do vocabulário; do presente até ao último, é seu intento, ampliando ainda e sempre o vocabulário, inspirar, pela prática e pelo comércio contínuo com os bons modelos, o gosto literário, nos ensaios de composição sobre diversos gêneros, a que será solicitado o aluno.

Os autores aqui incluídos o foram somente nos trechos para os quais se presume que está aparelhado o espírito do aluno pela marcha do ensino anterior; e, nos livros subseqüentes, hão de eles, talvez, reaparecer com assunto mais elevado, de envolta com os que para esses mesmos livros foram especialmente reservados (Kopke, 1924).

Estão incluídos na seleção de Kopke os seguintes escritores: Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Alvares de Azevedo,

Américo Brasiliense (José Bonifácio de Andrada e Silva), Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, Antônio Feliciano de Castilho, Araújo Porto Alegre, Bernardo Guimarães, Bocage, Camões, Casimiro de Abreu, Castelo Branco, Castro Alves, Curvo Semedo, Eça de Queirós, Evaristo da Veiga, Fagundes Varela, Gonçalves Crespo, Gonçalves Dias, Gregório de Matos, Guerra Junqueiro, João de Deus, João de Lemos, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis, Nicolau Tolentino, Pimentel Maldonado, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Sousa Viterbo e o Visconde de Porto Seguro (Francisco Adolfo de Varnhagen).

Outra seleta no mesmo período sugere a predominância desse modelo, segundo o qual a leitura dos autores consagrados permite o aprimoramento do gosto literário, de que resulta o bom uso da língua, obtido graças à imitação dos escritores exemplares, os mesmos que se leu no começo desse processo circular. Eis o que A. Joviano apresenta como *Plano das lições*, datado de 2 de abril de 1923, que abre *Língua Pátria*:

No período do ensino, em que o aluno já tenha hábito das formas corretas para se exprimir e falar das cousas que o rodeiam e interessam, começa o seu vocabulário a receber o primeiro contingente de expressões e vocábulos literários. Estes novos elementos, adquiridos já em parte nas primeiras recitações, serão supridos agora, diretamente, pelas composições dos melhores autores, em leitura, interpretação e cópia dos trechos em prosa e verso, devendo ser preferidos os que mais se prestem a uma assimilação pronta, de aplicação imediata.

O trabalho de assimilação das formas literárias pelo aluno se operará nas seguintes condições: a) imitando ele a leitura expressiva da professora; b) lendo por sua vez a interpretação do trecho literário; c) respondendo ao questionário que esclarece e confirma a interpretação feita e, mais tarde, lendo o comentário e tomando parte na conversação; d) copiando o trecho literário, cuja ortografia e pontuação vão ser imitadas; e) lendo, aplicadas desde logo em frases e sentenças usuais, as expressões literárias que vão fazer parte do seu vocabulário; f) lendo em manuscrito e escrevendo o ditado da reprodução do texto original.

E logo que é introduzida na série de lições qualquer dessas composições literárias, os elementos que ela fornece são reproduzidos a todo momento em aplicações várias, orais e escritas, de tal modo recapituladas que se tornam uma aquisição completa para o aluno e tão familiares como as demais expressões de uso corrente na própria linguagem (Joviano, 1923).

A eficácia e a permanência desse modelo de ensino podem ser constatadas em depoimentos de escritores brasileiros educados no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, como Laudelino Freire, que conta a João do Rio:

As minhas primeiras leituras, na época em que estudava preparatórios (1890), foram feitas em almanaques, seletas e pequenos manuais enciclopédicos, de que me resultaram os primeiros conhecimentos com os autores nacionais e portugueses mais em voga. Recordo-me do entusiasmo, ainda hoje conservado, com que lia e decorava as poesias de Castro Alves, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Fagundes Varela,

Tobias Barreto, Casimiro de Abreu, Guerra Junqueiro, Tomás Ribeiro... (Rio, 1908).

Mário Quintana, no interior do Rio Grande do Sul, também recorda seus tempos de leitor de seletas, como a de Alfredo Clemente Pinto, lançada em 1883, e ainda figura importante nas escolas do estado na primeira metade do século XX:

Esse Marquês de Maricá do compêndio de leitura dava-nos conselhos... compendiosos... — verdadeira chatice, aliás... como se não bastassem os conselhos de casa!

Felizmente para a turma, o resto não era nada disso, pois tratava-se da "Seleta em Prosa e Verso", de Alfredo Clemente Pinto, um mundo... quero dizer, o mundo!

Logo ali, à primeira página, o bom Cristóvão Colombo equilibrava para nós o ovo famoso e, pelas tantas, vinha Nossa Senhora dar o famoso estalinho no coco duro daquele menino que um dia viria a ser o Padre Antônio Vieira.

Porém, em meio e alheio a tais miudezas, bradava o poeta Gonçalves de Magalhães:

— Waterloo! Waterloo! lição sublime!

Só esta voz parece que ficou, porque era em verso, era a magia do ritmo... e continua ressoando pelos corredores mal iluminados da memória. (Em vão tenho procurado nos sebos um exemplar da Seleta...)

Sim, havia aulas de leitura naquele tempo. A classe toda abria o livro na página indicada, o primeiro da fila começava a ler e, quando o professor dizia "adiante!", ai do que estivesse distraído, sem atinar o local do texto! Essa leitura atenta e compulsória seguia assim, banco por banco, do princípio ao fim da turma (Quintana, 1977).

José Lins do Rego transplanta a situação para sua ficção, fazendo a literatura tematizar sua circulação na escola:

Era um pedaço da Seleta clássica, que até me divertia. Lá vinha o Paquequer rolando de cascata em cascata, do trecho de José de Alencar. (...) "A Queimada" de Castro Alves e o "há dous mil anos te mandei meu grito", de "Vozes d'África" (...) Esses trechos da Seleta clássica, de tão repetidos, já ficavam íntimos da minha memória (Rego, 1984).

Com a Revolução de 30 e a criação do Ministério de Educação, encabeçado primeiramente por Francisco Campos e, depois, por Gustavo Capanema, deu-se nova regulamentação do ensino primário e secundário. Em junho de 1931, o ministro expediu os "programas do curso fundamental do ensino secundário", fixando os objetivos e os conteúdos para a matéria agora denominada Português (Brasil, 1931). A meta principal desta cadeira é "proporcionar ao estudante a aquisição efetiva da língua portuguesa, habilitando-o a exprimir-se corretamente, comunicando-lhe o gosto da leitura dos bons escritores e ministrando-lhe o cabedal indispensável à formação do seu espírito bem como à sua educação literária".

Para chegar a esse fito, cabe ao professor, "desde o princípio do curso", "tirar o máximo proveito da leitura, ponto de partida de todo o ensino,

não se esquecendo de que, além de visar a fins educativos, ela oferece um manancial de idéias que fecundam e disciplinam a inteligência, prevenindo maiores dificuldades nas aulas de redação e estilo".

De novo a leitura é colocada na base, desde que constitua leitura de "bons escritores", a partir de que se organiza o estudo subsequente:

O conhecimento do vocabulário, da ortografia e das formas corretas fundar-se-á nos textos cuidadosamente escolhidos, e, pelo exame destes, se notarão, pouco a pouco, os fatos gramaticais mais importantes, cujas leis jamais serão apresentadas a priori, mas derivadas naturalmente das observações feitas pelo próprio aluno.

O conhecimento da literatura, "ensino propriamente literário", vem mais tarde, tornando-se "preponderante na 5ª série". O documento ministerial explicita, com detalhes, as técnicas de trabalho em sala de aula:

O ensino propriamente literário, subordinado ao da língua na 4ª série, tornar-se-á preponderante na 5ª série, expondo-se então as regras da composição literária e o estudo, ainda que sumário, das melhores obras de escritores nacionais e portugueses. Instruídos pela leitura dos textos, serão os alunos obrigados a tomar parte ativa na análise dos processos de cada autor, caracterizando-lhe a construção e o estilo, mencionando os conceitos e as passagens que mais os impressionaram, apontando as formas elegantes e vigentes ou as que, já arcaicas, não devem ser imitadas. Após o conhecimento fragmentário de uma obra, receberão sumária notícia das demais partes que a constituem, do plano a que

obedece, do fim que se propõe, da individualidade do autor, corrente literária a que pertenceu e outras obras que produziu.

A novidade é a indicação de que "é preferível começar pelas obras modernas", com a seguinte justificativa:

Somente elas, por mais comunicativas, provocam emoções sinceras e despertam o prazer dos estudos desta natureza. Com o que se pretende é, antes de tudo, educar o gosto literário; quase todo o ensino, para ser atraente, tem de gravitar em torno do pensamento hodierno, em ambiente conhecido, convindo, portanto, a preferência pelas obras modernas e deixando-se a análise das obras clássicas para o momento em que o aluno, dotado de algum senso crítico, estiver apto a assimilar com real proveito os velhos exemplares da boa linguagem.

A história da literatura em língua portuguesa completa os estudos literários, culminando um processo que se dá por passos miúdos:

Finalmente incumbe ao professor fazer a sinopse histórica e a apreciação geral da literatura portuguesa e da brasileira, de sorte que, ao concluir o curso fundamental, tenha o estudante indicações seguras para poder consolidar por si as noções adquiridas na escola.

Na seqüência, o ministério discrimina os conteúdos de cada uma das séries. Cabe às duas primeiras séries proceder à

leitura de trechos de pensadores e poetas contemporâneos, escolhidos de acordo com a capacidade média da classe.

*Explicação dos textos. Estudo metódico do vocabulário.
Reprodução oral do assunto lido.*

Recitação de pequenas poesias, previamente interpretadas.

Composição oral. (...)

Na terceira série, ocorre "a leitura de excertos de prosadores e poetas modernos", a "explicação dos textos" e o "estudo metódico do vocabulário". Na quarta, "leitura e interpretação de trechos de prosadores e poetas dos dois últimos séculos", junto com a "análise literária elementar"; na quinta, repete-se a "análise literária", com ênfase nas "obras modernas", mas se acrescenta a literatura, de que se estudam "noções preliminares"; "sinopse da história literária" e "composição e estilo".

Novas "Instruções pedagógicas para a execução do programa de Português", dirigidas ao "curso ginásial do ensino secundário", são editadas em 1942, assinadas agora por Gustavo Capanema⁵. Mas os termos não variam muito, apenas são apresentados na forma de tópicos. Assim, explicando as "finalidades do estudo da língua portuguesa", informa-se que "o programa de português do curso ginásial procura":

a) proporcionar ao estudante a aquisição efetiva da língua portuguesa, de maneira que ele possa exprimir-se corretamente;

⁵ Reproduzido em Cruz, 1944. Todas as citações provêm desse texto.

b) *comunicar-lhe o gosto da leitura dos bons escritores;*

c) *ministrar-lhe apreciável parte do cabedal indispensável à formação do seu espírito e do seu caráter, bem como base à sua educação literária, se quiser ingressar no segundo ciclo ou fazê-la por si, autodidaticamente;*

d) *mostrar-lhe a origem românica da nossa língua e, portanto, a nossa integração na civilização ocidental, o que o ajudará a compreender melhor o papel do Brasil na comunhão americana e fora dela.*

No capítulo dedicado à "estrutura do curso de português", explica-se que as finalidades expostas acima são alcançadas "mediante um ensino pronunciadamente prático, que compreenderá três partes paralelas: gramática, leitura explicada e outros exercícios", conforme a seguinte distribuição:

A leitura se fará em todo o curso; a matéria gramatical, com os respectivos exercícios, vai repartida, em cada série, por três unidades, cada uma das quais se lecionará dentro de um trimestre; os trabalhos indicados no programa sob a denominação de "outros exercícios" se distribuirão por todo o ano letivo pelo modo que o professor julgar mais conveniente.

A leitura é matéria de um capítulo inteiro do projeto, pois cabe-lhe desempenhar o seguinte papel:

O professor se empenhará em obter o máximo proveito da leitura, não se esquecendo de que ela oferece, quando bem

escolhida e orientada-, um manancial de idéias que fecundam e disciplinam a inteligência e concorrem para acentuar e elevar, no espírito dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística. Na leitura, explicada minuciosamente de todos os pontos de vista educativos, é que os alunos encontrarão boa parte da base necessária à formação de sua personalidade integral, bem como aquelas generalidades fundamentais de onde eles poderão subir a estudos mais elevados de caráter especial.

De novo colocada na base do ensino, mas com tarefas mais complexas e exigências mais amplas, a leitura passa a confundir-se com o ensino do português, de que resultam efeitos grandiosos, de cunho patriótico e preservacionista, diante das ameaças vindas de fora. São esses efeitos:

— "o amor à língua, o zelo dela traduzido no desejo de manejá-la bem e de protegê-la das forças dissolventes que estão continuamente a assaltá-la";

— o respeito por "sua modalidade mais nobre — a língua literária";

—"o reconhecimento da necessidade de preservá-la como instrumento de união e como patrimônio sagrado da coletividade nacional, em um país, como o nosso, de amplo território e aberto à imigração de estrangeiros das mais variadas procedências".

O documento emanado do Ministério da Educação tem ainda o cuidado de discriminar os tipos de livros a serem utilizados pelos alunos:

Deverão eles ter consigo os seguintes compêndios:

a) livro de leitura, num volume para a primeira e segunda séries e noutro volume para a terceira e quarta;

b) gramática, em um volume, para as quatro séries;

c) dicionário portátil, em um volume, também para as quatro séries.

O "livro de leitura" é ainda objeto de uma especificação maior, detalhando-se não apenas seu conteúdo, mas igualmente suas finalidades a longo prazo:

O livro de leitura, nos seus dois volumes, deve conter — além das páginas que astisfazem, de um modo geral, à prescrição do programa para cada série — matéria de leitura orientada em dois sentidos: um, que interesse mais às meninas, e o outro, aos rapazes. Os textos destinados de preferência à atenção das meninas devem encarecer as virtudes próprias da mulher, a sua missão de esposa, de mãe, de filha, de irmã, de educadora, o seu reinado no lar e o seu papel na escola, a sua ação nas obras sociais de caridade, o cultivo daquelas qualidades com que ela deve cooperar com o outro sexo na construção da Pátria e na ligação harmônica do sentimento da Pátria com o sentimento da fraternidade universal. Os excertos que visarem principalmente à educação dos alunos do sexo masculino procurarão enaltecer aquela tempera de caráter, a força de vontade, a coragem, a compreensão do dever, que fazem os grandes homens de ação, os heróis da vida civil e militar e esses outros elementos, não menos úteis à

sociedade e à Nação, que são os bons chefes de família e os homens de trabalho, justos e de bem.

Leitura e literatura integram-se ao programa de português, que toma sua feição definitiva. Ambas conduzem ao conhecimento da língua materna, que é simultaneamente *língua pátria* e *língua literária*. Por isso, nos livros didáticos dos anos 40 e 50, encontra-se o que é considerado o melhor da literatura nacional produzida até então, provavelmente a literatura moderna a que se referia o documento ministerial. Três livros publicados entre os anos 30 e 50 exemplificam que *corpus* era esse, a quem competia consolidar o cânone da literatura brasileira e a natureza da língua literária do país.

Em *Idioma pátrio*, de Modesto de Abreu, estão selecionados textos de Afonso Arinos, Artur de Azevedo, Domingos Olímpio, Emílio de Menezes, Eduardo Prado, França Júnior, Fagundes Varela, Gonçalves Dias, Inglês de Souza, João Ribeiro, Júlia Lopes de Almeida, José do Patrocínio, Júlio Ribeiro, Joaquim Nabuco, João Francisco Lisboa, Lindolfo Gomes, Luiz Murat, Luís Guimarães Júnior, Múcio Teixeira, Manuel Antônio de Almeida, Martins Pena, Paulo Barreto, Paula Ney, Quintino Bocaiúva, Raul Pederneiras, Raimundo Correia, Rui Barbosa, Sotero dos Reis, Tobias Barreto, Visconde de Taunay, Xavier Marques e Zalina Rolim (Abreu, 1939).

Nelson Costa, em *Leitura e exercício*, de 1945, em grande parte repete o elenco de autores, com a seguinte seleção de textos: "O rio", de Afonso Arinos; "Anjo enfermo", de Afonso Celso; "A casa da Rua Abílio", de Alberto de Oliveira; "Se eu morresse amanhã", de Alvares de Azevedo; "A fazenda", de Bernardo Guimarães; "Meus oito anos", de Casimiro de Abreu; "Crepúsculo sertanejo", de Castro

Alves; "Paisagem", de Coelho Neto; "Acrobata da dor", de Cruz e Sousa; "Carta a um afilhado", de Eduardo Prado; "O estouro da boiada", de Euclides da Cunha; "O canto dos sabiás", de Fagundes Varela; "Canção do exílio", de Gonçalves Dias; "A queimada", de Graça Aranha; "Meu pai", de Humberto de Campos; "A mentira", de João Ribeiro; "Contraste", de Joaquim Manuel de Macedo; "O minuano", de Júlia Lopes de Almeida; "A terra natal", de Laurindo Rabelo, "A pororoca", de Luís Guimarães Júnior; "Uma boa ação", de Machado de Assis; "Benedicte!", de Olavo Bilac; "De volta na terra", de Paulo Setúbal; "A chegada", de Raimundo Correia; "Os colegas", de Raul Pompéia; "A um adolescente", de Ronald de Carvalho; "Marinha", de Rui Barbosa; "Pressentimento", de Tobias Barreto; "O orgulho da águia", de Vicente de Carvalho e "Meio-dia", de Visconde de Taunay (Costa, 1945).

Este mesmo grupo de autores e obras está presente ainda em *Seleção infantil*, de Orlando e Lígia Mendes de Moraes, de 1951: "O sertão bruto", de Afonso Arinos; "Anjo enfermo", de Afonso Celso; "Os livros", de Antônio Vieira; "A pororoca", de Araripe Júnior; "Saudades", de Casimiro de Abreu; "Nossa terra, nossa gente", de Francisca Júlia; "A boiada", de Humberto de Campos; "A espada encantada", de Malba Tahan; "Amo minha pátria" e "O rio", de Olavo Bilac; "Tarde sertaneja", de Visconde de Taunay (Moraes, 1951).

A leitura constitui elemento fundamental na estruturação do ensino brasileiro porque forma sua base: está no começo da aprendizagem e conduz às outras etapas do conhecimento. O campo de ensino mais próximo dela é o da literatura, representada por textos exemplares da literatura em língua portuguesa, a partir dos anos 30, fornecidos pela literatura brasileira, responsável em boa parte pela modernidade do programa.

Nem leitura, nem literatura, contudo, têm consistência suficiente para se apresentarem como disciplinas autônomas. No século XIX e início do século XX, a leitura em voz alta formava o estudante no uso da língua, em especial na expressão oral, respondendo às necessidades da Retórica ainda dominante na escola. Quando a leitura tornou-se passagem para a literatura, revelando a ênfase agora dada ao escrito, tomou acento na cadeira de Português, junto com seus companheiros de viagem, os textos literários. Mas nunca deixou de ser propedêutica, preparando para o melhor que vem depois.

Nesse sentido, é significativa a observação de Lourenço Filho, no prefácio dirigido aos professores colocado no primeiro volume da série *Pedrinho*, destinada ao ensino primário:

Ler por ler nada significa. A leitura é um meio, um instrumento, e nenhum instrumento vale por si só, mas pelo bom emprego que dele chegemos a fazer. O que mais importa na fase de transição, a que este livro se destina, são os hábitos que as crianças possam tomar em face do texto escrito (Lourenço Filho, 1959).

Dos anos 50 em diante, as modificações se deveram às diferentes reformas de ensino implantadas na década de 60, como a Lei de Diretrizes e Bases, e na década de 70, que alteraram o desenho do ensino básico. Os livros didáticos, especialmente quando se constitui a disciplina de Comunicação e Expressão, na década de 70, tiveram de responder às novas exigências. Mas não mudaram duas concepções básicas:

1ª) A noção de que a leitura — não necessariamente em voz alta, mas sempre do texto literário—forma a base do ensino, concentrada

nas disciplinas relacionadas à aprendizagem da língua materna. É o que se vê, por exemplo, no livro de Carlos Emílio Faraco e Francisco M. de Moura, *Comunicação em língua portuguesa*, que divide os temas a estudar em unidades e, ao estruturá-las, toma "o texto [como] o ponto de partida para todas as atitudes" (Faraco, 1983).

Este ponto de partida, a leitura, nem chega a ser expresso na proposta dos autores, tão óbvio lhes parece o fato. Tomando-o como deflagrador da unidade, estruturam seu trabalho conforme o quadro abaixo, em que se verifica também a retomada da leitura em voz alta, numa espécie de síntese do trabalho pedagógico realizado pela escola brasileira até os nossos dias:

Texto	
Expressão oral	Expressão escrita
I. Vamos conversar sobre texto	I. Vamos escrever sobre o texto o
II. Agora, vamos treinar a entonação	II. Vamos aumentar nosso vocabulário
III. Discussão sobre o texto	III. Vamos pontuar
	IV. Vamos nos expressar de outra forma
	Gramática
	Comunicação
	Divirta-se
	Exercícios Complementares
	Redação

2ª) A noção de que os textos lidos, tão importantes para a aprendizagem, são passagem para um outro estágio, superior, situado

fora do livro didático. Por isso, os autores e excertos motivadores do trabalho didático proposto por Faraco e Moura provêm da literatura infantil, encontrando-se no volume dedicado à 5ª série o seguinte material: "A astúcia do jabuti", de Antonieta Dias de Moraes; "O esparadrapo", de Carlos Drummond de Andrade; "Congresso de bruxos", de Carlos Eduardo Novaes; "O emprego", de Carlos Heitor Cony; "O assalto", de Eliane Ganem; "O lenhador", de Fernanda Lopes de Almeida; "Uma aventura", de Francisco de Barros Júnior; "Tatipirum", de Graciliano Ramos; "O viajante das nuvens", de Haroldo Bruno; "Tempestade", de Henriqueta Lisboa; "Uma campanha no céu", de Hernani Donato; "Menino de asas", de Homero Homem; "Área interna", de Leon Eliachar; "O vaivém", de Lindolfo Gomes; "Aventuras de Xisto", de Lúcia Machado de Almeida; "Emergência", de Luís Fernando Veríssimo; "A língua do pê", de Maria Cristina Porto; "O socorro", de Miller Fernandes; "As letras falantes", de Orígenes Lessa; "Recado ao senhor 903", de Rubem Braga; "Marcelo, marmelo, martelo", de Ruth Rocha; "Choro, vela e cachaça", de Stanislaw Ponte Preta; "O gato", de Vinícius de Moraes e "O menino maluquinho", de Ziraldo.

Mas é no primeiro volume da série *Para gostar de ler*, que reúne crônicas de escritores brasileiros dos anos 70, que essa noção aparece de modo mais evidente. Na apresentação, dirigida ao "amigo estudante", os autores garantem que "este livro não tem a intenção de ensinar coisa alguma a você. Nem gramática, nem redação, nem qualquer matéria incluída no programa da sua série" (Andrade, 1981)⁶. Pelo contrário,

⁶ As citações provêm dessa edição; o grifo é dos autores.

nós só queremos convidar você a descobrir um mundo maravilhoso dentro do mundo em que você vive. Este mundo é a leitura. Está à disposição de qualquer um, mas nem toda gente sabe que ele existe, e por isso não pode sentir o prazer que ele dá.

Por isso, o livro pode ser aberto "em qualquer página", dando acesso a uma crônica, gênero "que procura contar ou comentar histórias da vida de hoje". Essas histórias do cotidiano poderiam ter acontecido "até com você mesmo", só que "uma coisa é acontecer, outra coisa é escrever aquilo que aconteceu". É quando se produz a diferença:

Então você notará, ao ler a narração do fato, como ele ganha um interesse especial, produzido pela escolha e pela arrumação das palavras. E aí começa a alegria da leitura, que vai longe. Ela nos faz conferir, pensar, entender melhor o que se passa dentro e fora da gente. Daí por diante a leitura ficará sendo um hábito, e esse hábito leva a novas descobertas. Uma curtição.

Tornada hábito, a leitura se entranha na vida do sujeito. Mas o texto que o "amigo estudante" tem em mãos não é *the real thing* a se mostrar mais adiante:

As crônicas serão apenas um começo. Há um infinito de coisas deliciosas que só a leitura oferece e que você irá encontrando sozinho, pela vida afora, na leitura dos bons livros.

Os "bons livros" vêm depois, é o que dizem os cronistas Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga, que assinam a nota de abertura. Percorrido o longo caminho que leva dos "caros meninos", de Abílio César Borges,

ao "amigo estudante", de nossos melhores prosadores, chega-se pelo visto ao mesmo lugar: a leitura proposta no livro didático introduz, mas não basta para se justificar enquanto tal. Sem uma finalidade mais adiante que dê visibilidade e sentido ao trabalho com textos escritos, o ensino de leitura não se sustenta. Eis a utopia da leitura; utopia, no entanto, que a desfigura, porque promete uma felicidade que está além dela, mas pela qual não pode se responsabilizar.

Referências bibliográficas

ABREU, Modesto de. *Idioma pátrio*. São Paulo: Ed. Nacional, 1939.

AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo, 1895-1915*. São Paulo: Saraiva, 1957.

ANDRADE, Carlos Drummond de et al. *Para gostar de ler: crônicas*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1981.

BARRETO, Arnaldo de Oliveira (Org.). *Vários estilos*. 8.ed. São Paulo: Melhoramentos, 19--.

BORGES, Abílio César. *Terceiro livro de leitura para uso das escolas brasileiras*, ed. rev. melh. Rio de Janeiro: F. Alves, [1890].

BRASIL. Ministério de Educação e Saúde Pública. *Organização do ensino secundário*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931.

CABRAL, Alfredo do Vale. *Anais da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808a 1822*. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1881.

- CATÁLOGO de obras que se vendem na loja de Paulo Martim. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, [1822].
- COSTA, Nelson. *Leitura e exercício*. 4.ed. melh. Rio de Janeiro: F. Alves, 1945.
- CRUZ, José Marques da. *Seleta*: português prático para a 1ª e 2ª série do curso secundário. São Paulo: Melhoramentos, 1944.
- FARACO, Carlos Emílio, MOURA, Francisco M. de. *Comunicação em língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1983.
- JOVIANO, A. *Língua pátria*. 2.ed. aum. Rio de Janeiro: Papelaria e Tip. Oriente, 1923.
- KOPKE, João. *Primeiro liuro de leituras moraes e instructiuas para uso das escolas primárias*. 65.ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1924.
- _____. *Quarto livro de leituras para uso das escolas primárias e secundárias*. 18.ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1924.
- LOURENÇO FILHO, M.B. *Pedrinho*. S.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1959.
- MOACYR, Primitivo. *A instrução e as províncias: subsídios para a história da educação no Brasil: 1835 - 1889*. 3v. São Paulo: Ed. Nacional, 1939.
- MORAIS, Orlando, MENDES, Lígia de. *Seleta infantil*. Rio de Janeiro: Aurora, 1951.
- QUINTANA, Mário. *A vaca e o hipogrifo*. Porto Alegre: Garatuja, 1977.
- RAMOS, Vitor. *A edição portuguesa em França, 1800-1850*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.
- REGO, José Lins do. *Doidinho*. 25.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Garnier, [1908].
- SILVA, Manuel Antônio da. *Notícia do catálogo de livros*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1811.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro, 1808-1821*. 2.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.